

“(...) o que faz a região não é o espaço, mas sim o tempo, a história”.¹

Região e identidade: o pertencimento como forma de limite

*"(...) what does the region is not space but time, history."
Region and identity: the act of belonging as a limit order*

Adriana Romero Lopes*

Resumo: Quando procuramos conceituar o termo identidade levantamos uma orla de questionamentos para assim compreendermos seu significado. Ao falarmos de sujeitos de uma região específica, devemos ter em mente que a região não se limita ao espaço geográfico, a divisão político-regional. Seu conceito perpassa dados culturais, políticos e econômicos. A região é muito mais identificação e pertencimento de grupos do que limites e fronteiras físicas, muitas vezes impostas. Procuremos nesse artigo, verificar os principais conceitos de região ligados a construção de identidades regionais, não nos detendo ao conceito de região como um espaço físico, mas sim, de identificação do sujeito.

Palavras- chaves: identidade, região, pertencimento.

Abstract: In order to conceive the term identity, we raise a vast number of issues to then comprehend its meaning. When talking of people in a certain region, one must keep in mind that region is not limited to the geographical space, the political frontier. Its concept moves beyond cultural, political and economical data. The region is more identification and group belonging rather than borders and physical boundaries often imposed. We seek in this article to verify the main approaches of region linked to the setting of regional identities, not limiting to region as a physical place but a person's identification.

Keywords: identity, region, belonging.

Introdução:

Ao nos propormos a trabalhar com determinada região, não podemos delimitá-la apenas como sendo um espaço territorial, pois seu conceito é muito mais abrangente. Hoje, o conceito de região perpassa muito além dos geográficos², pairando sob os conceitos culturais e políticos³.

A região pode ultrapassar as fronteiras, sendo também configurada como um espaço de relações e cultura. Segundo Bordieu “[...] o que faz a região não é o espaço, mas sim o tempo, a história.” (BORDIEU, 1998, p.115). Ou seja, para que exista a região, não basta

* Mestranda no Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Email: adriana.lobes@bento.ifrs.edu.br

apenas o território em si, mas a relação dos sujeitos com o espaço, pois é por meio do tempo transcorrido em determinado local, que o sujeito dará história a ele (espaço), fazendo-se parte dessa história. Desse modo, o sujeito pode pertencer a determinada região por identificar-se com ela, não importando as fronteiras físicas, mas sim sua história com o espaço em questão, o vivido. Segundo Silva, citado por Reckziegel,

A região só se entende, [...] metodologicamente falando, como parte de um sistema de relações que se integra. Deve, portanto, ser definida por referência ao sistema que fornece seu princípio de identidade. Assim, pode-se falar tanto de uma região no sistema internacional, como de uma região dentro do estado nacional ou dentro de uma unidade de um sistema político federativo. Pode-se falar, igualmente, de uma região cujas fronteiras não coincidem com fronteiras políticas juridicamente definidas. O que não se pode perder de vista, no entanto, é que a significação analítica e a utilidade explicativa do conceito de região dependem de sua referência constante ao sistema global de relações do qual foi recortada. (RECKZIEGEL, 1999, p.20)

Para tratar desses assuntos, dividiremos o artigo em três partes distintas. Primeiramente trataremos dos conceitos gerais relativos à região. Após, abordaremos as questões de fronteiras, pois estão intimamente ligadas à região. Por último, procuraremos identificar como a região e as identidades podem estar interligadas por aspectos não somente físicos, mas culturais e de pertencimento, ultrapassando qualquer fronteira criada pelo homem.

O espaço vivido: a correlação entre identidade e região

Segundo Carbonari (2009), o termo região não seria algo estático, mas sim, um conceito que possuiria múltiplas definições.

El espacio regional, no es, por tanto, un espacio fijo, sino un espacio social con conjuntos heterogéneos en continua interacción. Es testimonio del pasado que actúa sobre el presente y condiciona el futuro. Analizarlo implica verlo como un espacio dinámico, en continuo movimiento. Por tanto, como producto de la historia y que al mismo tiempo actúa sobre la historia. (CARBONARI, 2009, p.28)

Em meados do século XX, procurou-se utilizar o termo região como forma de demonstrar o desenvolvimento capitalista, utilizando dados quantitativos de população, estudos de mercado, fazendo com que a região deixasse de ser um dado concreto da realidade e tornando-a prioridade, uma constatação a se confirmar (CARBONARI, 2009). O conceito de região, nesse período era compreendido como,

En ese marco, la región era entendida como la delimitación espacial establecida por el investigador en forma apriorística. Las regiones, entonces, eran recortes del espacio que interesaban por la funcionalidad económica para el mercado y/o para la planificación del desarrollo regional. En todo caso, respondían a una clasificación operativa según las características de sus recursos naturales para el crecimiento económico. (CARBONARI, 2009, p.23).

A palavra região, sempre nos remeteu a pensar num espaço físico e em estudos geográficos. Entretanto, podemos encontrá-la em estudos historiográficos, literários, sociológicos e econômicos. Hoje, não está vinculada apenas a uma ciência, perpassando seu significado por diferentes áreas do conhecimento. Assim, expõe Heredia (1996),

Uno de los términos controvertidos y de múltiple uso es “región”- vocablo que ha sido denominado como wild card, o comodín, es decir que se lo usa indistintamente en diversas ocasiones y con diversos fines-; la matriz etimológica de la palabra podría ser ubicada en la ciencia geográfica, en cuanto su naturaleza responde, dentro de las ciencias sociales y humanas, a la dimensión espacial. Sin embargo, podemos encontrarla en la terminología de historiadores, literatos, sociólogos, economistas. De allí que sea conveniente formular ciertas precisiones en cuanto a su uso y significado en determinados sistemas de conocimiento. (HEREDIA, 1996, p.292)

Os historiadores ao se proporem a trabalhar com determinada região, tem que ter em mente todos os aspectos os quais serão analisados, e reconhecerem que, a região é um espaço dinâmico o qual passa por mudanças com o passar do tempo, assim como os sujeitos que nela vivem. Segundo Heredia (1996), a região deve ser observada dentro de um processo evolutivo, não sendo vista como algo fixo e imutável.

Para definir-se história regional, ou até mesmo delimitar a região de estudo, tem-se demonstrado um percalço para muito estudiosos. Ver a história regional além das fronteiras físicas parece um desafio para muitos, o que acaba simplificando seu conceito. Como afirma Heredia,

En historia, por ejemplo, hubo un tiempo en que se hablaba de “región” sin que los historiadores se preguntaran ni averiguarán qué era. En el mejor de los casos, recurrían a las fórmulas más sencillas y directas proporcionadas por la geografía política tradicional.” (HEREDIA, 1996, p.294)

Devemos entender que ao falarmos em história regional ou delimitação de região, pode estar falando de um espaço que vai além do físico e do micro. Buscar ligar à região a identidade dos sujeitos que nela vivem, é um importante passo para assim melhor compreendê-la. Na concepção de Carbonari,

Región es un concepto inherente a la geografía y a la espacialidad, trasladada posteriormente a la economía para explicar el funcionamiento de la sociedad como

un todo, pero también hacia la antropología con la pretensión de articular la identidad territorial. (CARBONARI, 2009, p.32)

Articulando a região do local pretendido para a pesquisa com os costumes, crenças dos sujeitos que lá vivem, podemos perceber que o sentido de região liga-se com o sentido e conceito de identidade, pois o sujeito interage com o ambiente, nele se adaptando e o adaptando. Reckziegel assim afirma que,

Sendo o espaço interpretado como produto da ação humana, a *região* toma a acepção de um espaço vivido. Nesse contexto, surge o trabalho de Frémont, que concebe região como um “espaço vivido que compreende elementos administrativos, históricos, ecológicos, econômicos, mas também, e mais profundamente, psicológicos”. Nessa linha de interpretação, reconhecer a existência de um espaço social, de um espaço vivido e nível regional, portador de cargas mais obscuras em que se misturam as escórias do afetivo, do mágico, do imaginário. (RECKZIEGEL, p.18)

Ao tratar de identidades, mesmo ao delimitar determinada região, procura-se ultrapassar essas fronteiras físicas, pois por meio do estudo desse particular⁴, podemos compreender de certa forma o todo, como surgiu e se difundiu essa identidade em determinada região. Como afirma Heredia “Para entender esta condición de la región hay que entenderla como una categoría para el conocimiento del hombre, no de la naturaleza.” (HEREDIA, 1996, p.292). Heredia ainda complementa seu posicionamento com a seguinte afirmação,

En fin, si reconocemos que la región es el resultado de la relación íntima del hombre con su medio, es decir que la región es una criatura, o sea una creación singular, la regionalización debe ser entendida como el proceso en el cual la región se desarrolla y toma forma histórica concreta.” (HEREDIA, 1996, p.300)

Assim, como o espaço possui sua história, a história também possui um espaço determinado.

Ultrapassando as fronteiras: o pertencimento como limite fronteiriço nas relações sociais

Os estudos sistematizados com relação ao tema fronteira aparecem datados a partir de finais do século XIX e início do século XX. Alguns autores como Friedrich Ratzel, procuram vincular o conceito de fronteira ao conceito de Estado, sendo ela então entendida como princípio para a expansão e crescimento dos Estados (LIMA, MOREIRA, 2009). Para Golin, “Tecnicamente, uma fronteira resulta de um processo de construção histórica.” (GOLIN, 2002, p.9).

Segundo Duarte,

Fronteiras são construções. São processos social e historicamente- vale dizer, simbolicamente- produzidos. Devem ser concebidas mais como uma abertura e atualidade, do que como dado ou acabamento. São locais de mutação e subversão, regidos por princípios de relatividade, multiplicidade, reciprocidade e reversibilidade. (DUARTE, 2005, p. 17).

A fronteira não pode ser entendida como um mero espaço geográfico o qual delimita um Estado, um país, um município, um continente. A fronteira deve ser entendida como algo mais do que uma simples divisão territorial, onde podem conter ou não características semelhantes, pois “[...] fronteiras são também elementos simbólicos carregados de ambiguidades, pois ao mesmo tempo que impedem, permitem ultrapassar.” (GOLIN, 2002, p. 17). Há regiões, por exemplo, que são delimitadas em função de diferentes critérios, os quais nunca coincidem perfeitamente. Para Lord Acton

Quando as fronteiras políticas e nacionais coincidem, a sociedade para de avançar e as nações recaem num estado correspondente aos dos homens que renunciam ao contato com seus semelhantes. A diferença entre as duas une a humanidade, não apenas pelos benefícios que confere áqueles que vivem juntos, mas porque liga a sociedade por um vínculo político ou nacional [...]. (ACTON apud BALAKRISHNN, 2000, p. 37)

As fronteiras⁵ ultrapassam esses espaços criados pelo homem, para reforçar o seu domínio e poder em determinada região. Podemos verificar isso, analisando o que Benedict (2008), coloca, ao tratar da estruturação e importância do censo, mapa e museu, os quais, segundo o autor, seriam instituições de poder que eram utilizadas para consolidar os domínios dos colonizadores sobre os colonizados, que por meio desses fatores podiam-se saber a natureza dos povos por eles governados, a geografia de seu território e podiam também legitimar o seu passado. Como sabemos as fronteiras geográficas não seguiram uma lógica de onde se localizavam determinados povos. Simplesmente, o globo terrestre foi dividido em partes, cada qual pertencente a um domínio diferente, o que fazia com que muitas vezes povos iguais, ficassem separados e povos rivais passassem a ter que conviver juntamente. Pegamos o censo como um exemplo o qual Benedict (2008) trabalhou, segundo ele

É extremamente improvável que, em 1911, mais do que uma ínfima parcela desses povos assim classificados e subclassificados se reconhecesse sob tais rótulos. Essas “identidades imaginadas” pela mentalidade (confusamente) classificatória do Estado colonial ainda aguardavam uma retificação que, com a penetração administrativa imperial, logo se tornaria possível. (BENEDICT, 2008, p. 229)

As fronteiras das quais estamos tratando, não podem, como já exposto acima ser entendida apenas como uma limitação geográfica. A fronteira está ligada também as relações entre as diferentes identidades, pois como mencionamos anteriormente, nem sempre essa

delimitação espacial contemplava ou respeitava as diferentes culturas e costumes dos povos que ali habitavam. Com relação a isso, ao tratar do holismo, Strathern afirma que,

O holismo depende da criação de fronteiras e quando tais fronteiras se reduzem, assim também o faz o holismo. A visão de mundo de “povos e culturas” então começa a ceder sob os fatos rochosos das trocas culturais e de ideias dos fluxos intergrupais, dos caminhos históricos da troca e do desenvolvimento e dos movimentos de indivíduos através das fronteiras. (STRATHERN, 1999, p.40)

Vemos que o conceito de fronteira pode ser então entendido de outras formas, pois há relações que ultrapassam as fronteiras físicas. São fronteiras, o que separa identidades sociais (levando em consideração sua cultura, costumes, etc); que separa espaços territoriais entre outros aspectos. A ideia de fronteira aqui, para a construção de nosso trabalho, se torna imprescindível, pois o espaço é algo determinante para a própria identificação do indivíduo.

Em suma, a fronteira é um marco que limita e separa e que aponta sentidos socializados de reconhecimento. Com isso podemos ver que, mesmo nesta dimensão de abordagem fixada pela territorialidade e pela geopolítica, o conceito de fronteira já avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença. (PESAVENTO apud KAHMANN, 2004, p. 6).

Pertencer a algo, a um grupo é uma necessidade do ser humano, para que dessa forma seja distinguido dos demais, e “[...] a fronteira define princípios de reconhecimento que propõem um “nós” com relação a um “outro””. (KAHMANN, 2004, p.6), “pois a partir da delimitação do “quem sou eu” e do “quem é o outro” que a maneira de se relacionar será estabelecida [...]” (PEREIRA, 2012, p.5).

Delineando identidades: “(...) a identidade não é inata nem natural, mas naturalizada (...)”⁶.

A identidade pode ser definida de diferentes formas, modificando-se seu conceito conforme a época e o enfoque do que se está buscando. Para Dominique Wolton, a identidade pode ser definida como “[...] o caráter do que permanece idêntico a si próprio; como uma característica de continuidade que o Ser mantém consigo mesmo.” (SILVA; SILVA, 2013, P. 202). Por essa perspectiva, a identidade seria a maneira como certo indivíduo, por meio de suas características se vê ao longo do tempo, permitindo a construção do eu, por meio do qual esse indivíduo tornar-se-ia semelhante a si mesmo e também diferente dos outros. O sujeito só consegue se perceber individual, ao se comparar com outro ser individual, pois nossa

identidade depende e é afetada muito pelo coletivo. Como nos diz Halbwachs (2003), nossas lembranças são mais coletivas que individuais, fazendo com que nossa identidade também dependa muito mais de nossas relações do que de nós mesmos.

Confirmando essa ideia, segundo Tomaz Tadeu Silva, “[...] a compreensão da identidade deve levar em consideração sua relação intrínseca com a diferença, pois a identidade não existe sem a diferença: ao dizer que somos brasileiros, estamos automaticamente dizendo que não somos alemães, nem chineses por exemplo.”⁷ (SILVA; SILVA, 2013, p.204). Essas colocações nos fazem perceber, que para existir a identidade, é necessário existir o comparativo, o relacional para estabelecermos em qual dos grupos estamos inseridos, ou melhor, nos sentimos inseridos, e muitas vezes esse sentimento perpassa qualquer fronteira física que possa existir.

Quando designamos uma identidade coletiva procuramos delimitar um território e também suas fronteiras, a fim de definir suas relações com os outros, formando imagem de amigos e inimigos, assim como de rivais e aliados. Além disso, significa selecionar, conservar e modelar as lembranças de um passado, e também projetar para o futuro temores e esperanças ligadas a essa identidade (BACZKO, 1991).

Ao se definir uma identidade tanto regional, étnica ou de classe, articula-se de forma simultânea e assimétrica, as representações não apenas da realidade, mas também a das imagens mentais, o que nos leva a constatar que a realidade, assim como a identidade, não é dada e sim socialmente construída, ou seja, adapta-se e modifica-se com o contexto em que está inserida, sendo também, algo inacabado (LIMA, MOREIRA, 2009). Sendo a identidade uma fonte de diferentes significados e experiências de um determinado povo, esta pode ser entendida como o processo e também a construção de significados baseados em atributos culturais os quais estariam inter-relacionados, prevalecendo sobre outras formas de significados (WOSIACK, 2013). Podemos perceber que, o indivíduo pode possuir muitas identidades, sendo que uma, poderá prevalecer sobre as demais. Sobre esse ponto, Halbwachs coloca que, isso ocorre, devido ao indivíduo estar inserido em diferentes grupos, participando de diversos pensamentos sociais, mergulhando seu olhar em diversos pensamentos coletivos. A memória e a identidade são totalmente interligadas, “há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.”⁸ (POLLAK, 1992, p. 204).

Outro aspecto importante que se deve buscar analisar é o contexto espacial no qual acontece a memória coletiva. Pois sabemos que não é possível retornar ao passado, no entanto, este (passado) estaria conservado no ambiente que nos rodeia. O espaço seria a realidade que dura. Dura, pois está ali, a nossa disposição, e por mais que o ambiente se

modifique, ele permanecerá lá, e fará com que nossa memória reviva, e nossas lembranças reapareçam. Os espaços⁹ seriam como signos, reativadores da memória. Na visão de Halbwachs,

É ao espaço, ao nosso espaço- o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir- que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça. (HALBWACHS, 2003, p.170)

Esses sujeitos encontrariam suas lembranças coletivas num espaço temporal definido. “Assim, cada sociedade recorta o espaço sua maneira, mas de uma vez por todas ou sempre segundo as mesmas linhas, de maneira a constituir um contexto fixo em que ela encerra e encontra suas lembranças...”. (HALBWACHS, 2003, p.188)

Ainda com relação ao espaço, Seemann (2003) afirma que, embora a memória seja um processo basicamente interno, a sua projeção não se realizaria em um completo vazio, a memória necessitaria de um espaço para ser estimulada e ativada. Representações visuais, como mapas, fotos, objetos; ou não visuais, como a literatura ou a música, seriam exemplos de possíveis referenciais espaciais para a memória. Aí a importância em se delimitar uma região ao se trabalhar com os conceitos de identidade. Delimitá-la, não fisicamente, mas por um viés onde os sujeitos envolvidos sentem-se parte da região, por ligações afetivas, culturais, econômicas.

Considerações Finais:

Com relação a ligação existente entre região e identidade, Heredia afirma que ,

Con un rasgo de audacia podría decirse que el espacio es la idea de base con la cual el hombre forma el concepto de región, es decir que es una creación del hombre elaborada a partir de la mirada contemplativa y por tanto subjetiva del medio circundante, esto es de aquel medio del cual cada hombre se siente eje y centro. La región es, pues, básicamente y a nivel de intelección, la idea- o la intelectualización o la composición sistemática del conocimiento- que se tiene del medio o ambiente propio, cuya extensión física y concreta comprende, obviamente, todo el espacio en cuya comprensión el hombre reconoce la persistencia y el predominio de lo que siente que le es propio; Kaliman ha recordado aquella definición casi anónima según la cual la región es “aquel espacio que puedo recorrer sin sentirme todavía un extraño; es ésta una suerte de definición popular que coloca a la región en la estricta dimensión de un producto cultural, como lo es un tapiz o una sinfonía. A su vez, la consubstancialidad colectiva de este reconocimiento estaría dando los fundamentos para determinar la existencia de un grupo humano identificable, que a su vez siente así poseedor de los elementos primarios con los cuales está en condiciones de proceder a su auto-identificación. (HEREDIA, 1996, p.296-297)

Podemos perceber ao longo do exposto, que a região assim como a identidade possui conceitos diferenciados e amplos. São inúmeras as fronteiras que ultrapassam suas determinações. Ao se estudar identidades torna-se imprescindível ter claramente definido o conceito de região que se pretende abordar para assim, saber como realizar a delimitação do local a ser estudado.

A região fala por si sobre a identidade do local, assim como a identidade transparece a região. Procuramos aqui tratar as questões de região e identidade como conceitos ligados ao pertencimento do indivíduo, nunca deixando de lado os aspectos culturais, sociais, afetivos e de identificação que este teria com a região na qual vive ou viveu. Reckziegel, citando Bassand e Guidani, afirma que para esses autores a identidade regional,

[...] não é apenas o resultado do perfil cultural de uma região, imagem específica-combinação de normas, modelos, representações, etc.- que os atores de uma região fazem de si próprios, mas também resulta das relações sociais que essa mantém com outras regiões e com a sociedade global, sendo, portanto, ao mesmo tempo, determinada do exterior e elaborada internamente. (RECKZIEGEL, 1999, p.19)

Dessa forma, podemos analisar o micro, como uma forma de exemplificar o todo, pois existe a relação das regiões umas com as outras e estas, são afetadas pelos acontecimentos gerais e globais.

Referências

- ACTON, Lord. *Nacionalidade*. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro, Contraponto, 2000.
- BACZKO, Bronislaw. *Los imaginários sociales- Memorias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires: Nueva Vision, 1991.
- BENEDICT, Anderson. *Comunidades Imaginadas: Reflexão sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Companhia das Letras, 2008.
- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 2ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand, Brasil, 1998.
- CARBONARI, María Rosa. *De como explicar la región sin perderse en el intento. Repasando y repensando la Histotia Regional*. História Unisnos. São Leopoldo: v.13, n.1, p.19-34, 2009.
- GOLIN, Tau. *A fronteira*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- HEREDIA, Edmundo A.. *La región em la globalización y em la historia de las relaciones internacionales latino-americanas*. III Jornadas de las Relaciones Internacionales. Buenos Aires, 1996, p291.
- KAHMANN, Andrea Cristiane. *Fronteiras, tradição e identidade: um debate a partir da obra Contos Gauchescos, de Simões Lopes Neto*. Disponível em: www.lume.ufrgs.br Acesso em: 15/07/2014.

LIMA, Marta Gomes Lucena; MOREIRA, Roberto José. *A fronteira binacional (Brasil e Uruguai): Território e Identidade Social*. Disponível em <www.dialnet.afrenteirbinacionalbrasileuruguai> Acesso em 15/07/2014.

PEREIRA, Clarissa Josgrilberg. *Mídia Fronteira: O conceito de fronteiras culturais e a questão da alteridade*. Disponível em: www.faac.unesp.br Acesso em: 10/07/2014.

POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.

RECKZIEGEL, Ana L. *História regional: dimensões teórico-conceituais*. In: História: debates e tendências. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UPF. Passo Fundo: UPF, 1999.

SEEMANN, Jorn. *O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas*. Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral, v.4/5, p.43-53, 2002/2003.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 3ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

STRATHERN, Andrew e STAWART, Pamela J.. *Global, nacional, local: escalas móveis, temas constantes*. In: BARROSO, João Rodrigues (coord.). Globalização e identidade nacional. São Paulo: Atlas, 1999.

THIESSE, Anne Marie. *La petite patrie enclose dans la grande: regionalismo e identidade nacional na França durante a terceira República (1870-1940)*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.8, n.15, 1995, p.3-16.

WOSIACK, Carolina Rossi. *Rio Grande do Sul: Identidade e Marca*. Monografia de Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração. Curso de Administração, 2006. Disponível em www.lume.ufrgs.br Acesso em: 02/06/2013.

Notas

¹ BORDIEU, 1998, p.115.

² O geógrafo limita-se frequentemente à análise do conteúdo do espaço; ele olha muito pouco para além das fronteiras políticas ou administrativas da região. (BORDIEU, 1998, p. 109)

³ Com relação ao espaço, Seemann, afirma que “pensar no lugar significa criar vínculos mais afetivos e subjetivos do que racionais e objetivos entre as pessoas e o espaço no passado e no presente [...] sobre atitudes e valores das pessoas em relação ao meio ambiente.” (SEEMANN, 2013, p. 45). Para Santos, espaço, é um fato social, produto da ação humana, uma natureza socializada que, por sua vez, interfere no processo social, não apenas pela carga de historicidade passada, mas também pela carga inerente de historicidade possível de ser construída, na medida em que é a instância de determinação na história a ser construída. (RECKZIEGEL, 1999, p. 16)

⁴ De ese modo, la región, como entidad concreta, se concibe como resultante de múltiples determinaciones y se caracteriza por una naturaleza transformada por herencias culturales y materiales y por una determinada estructura social con sus propias contradicciones. Es particular en el sentido de una especificación de la totalidad espacial de la cual forma parte; es decir, es la realización de un proceso histórico general en un cuadro territorial menor, donde se combinan lo general y lo particular. (CARBONARI, 2009, p.28)

⁵ A *região* e suas fronteiras (*finés*) não passam do vestígio apagado do acto de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território (que também se diz *finés*), em impor a definição (outro sentido de *finis*) legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o princípio de di-visão legítima do mundo social. (BORDIEU, 1998, p.114)

⁶ CORACINI, 2007, p. 61.

⁷ Bordieu ao tratar sobre essa questão, afirma que (...) existir não é somente ser diferente, mas também ser reconhecido legitimamente diferente e em que, por outras palavras, a existência real da identidade supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de afirmar oficialmente a diferença- qualquer unificação, que *assimile* aquilo que é diferente, encerra o princípio da dominação de uma identidade sobre a outra, da negação de uma identidade por outra. (BORDIEU, 1998, p.129).

⁸ Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. Nessa construção da identidade - e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise - há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.204)

⁹ Com relação a ideia de espaço, Heredia defende que (...) esta actitud de contemplación, de observación, de recreación y de internalización han sido fundamentales para forjar la idea de espacio, que es algo así como una imagen interior que el hombre se forma del medio o del ambiente que se rodea. De tal modo, el hombre introduce a su mente e incorpora a su personalidad una imagen que es su propia recreación de aquel paisaje-natural y cultural a la vez- que le es propio y familiar. (HEREDIA, 1996, p.296)